

# O GOZO, DESVELANDO SEUS MISTÉRIOS: UMA ANÁLISE DA CRÔNICA "MISTÉRIOS GOZOSOS"

Alba Valéria Durães Milagres

Centro Federal de Educação  
Tecnológica – CEFET-MG.  
Doutoranda.

P

*Resumo*

or acreditarmos que o desenvolvimento de uma sexualidade saudável precisa estar no cerne da evolução humana, a análise das bases bio-psico-sociais é de suma importância para entendermos o processo individual e coletivo na cena contemporânea da qual fazemos parte. Há um corpo que traduz nossas emoções e conta nossa história herdada geneticamente e adquirida socialmente. A expressão corporal é a perspectiva somática da expressão emocional. Chamamos a atenção para a discussão de gênero e de sexualidade humana, porque estamos impondo os papéis para ambos, numa ânsia de oferecer poder e autonomia à fragilidade feminina e fragilidade à força masculina. Esta imposição é real, porém no nível inconsciente emerge utilizando-se de perfis e imagens do processo evolutivo do gênero. Tanto homens quanto mulheres tentam encontrar alguém ou algo que preencha esta distorção. Desse modo, buscando evidenciar a representação da temática do gozo, propomos uma análise da crônica *Mistérios gozosos* de Affonso Romano de Sant'Anna, iluminada por aspectos da teoria da Sexualidade de Freud.

Palavras-chave: Sexualidade. Freud. Gênero. Crônica.

O sentido dado por Sigmund Freud ao gozo enquanto o usufruto de um prazer de natureza sexual é muito complexo. De um lado, Freud sustenta o sentido tradicional, embora o inove ao afirmar que há gozo sexual na infância; de outro, tenta encontrar conexões entre o sexual e a morte, e isso desde o início de sua obra. A importância do gozo do amor sexual é também apontada por Freud (1977) nas **Observações sobre o amor transferencial**: “o amor sexual é indubitavelmente uma das principais coisas da vida, e a união da satisfação mental e física no gozo do amor constitui um de seus princípios”. (FREUD, 1977, p. 212). A partir da conceituação freudiana para gozo sexual, buscaremos evidenciar a representação da temática, com ênfase do feminino no texto “Mistérios gozosos” de Affonso Romano de Sant’Anna.

Quando a possibilidade de realização sexual se torna por demasiado fácil, pode-se deparar com uma falta de interesse erótico. A primeira e certamente a mais importante restrição da vida sexual, ocorrida tanto no início da humanidade como em cada criança pequena, foi a proibição da escolha incestuosa de objeto. As restrições podem ser compreendidas como modos de defesa contra a emergência de uma sexualidade por assim dizer em “estado bruto”. Desse modo, a forma de a cultura lidar com a sexualidade baseia-se na restrição, podendo chegar até à proscricção. A heterossexualidade em nossa sociedade é o único tipo admitido de comportamento sexual, o que traz restrições injustificáveis ao gozo sexual dos adultos. Mesmo o próprio amor heterossexual, sancionado pela cultura, sofre restrições pela exigência da monogamia. Freud chega a afirmar que a civilização somente tolera o usufruto do gozo sexual via um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher.

Em relação à ambivalência, Freud em **Totem e tabu** (1996, p. 49) cita, a título de exemplo, um caso de “fobia de contato”. Ele diz que seu paciente deseja constantemente realizar o ato de tocar os próprios genitais, considerado como o seu gozo supremo, mas não deve realizá-lo, pois o considera abominável.

Em outro exemplo apresentado em **A questão da análise leiga**, Freud (1996, p. 213) nos diz que há certos pacientes que sofrem de perturbações num campo específico em que a vida emocional converge para exigências de natureza corpórea. Quando conseguem superar alguns desses entraves e se permitem o encontro sexual, frequentemente constata-se que são incapazes do gozo proporcionado pela exigência superada.

Na obra **Mal-estar na civilização**, em suas discussões sobre Eros e pulsão de morte, Freud (1996) esclarece que no sadismo a energia da pulsão de morte desvia a seu jeito a finalidade erótica, sem deixar de satisfazer o impulso sexual. Notamos que a satisfação sádica pode vir acompanhada de um extraordinário gozo narcisista, pois oferece ao eu “a realização de seus mais arcaicos desejos de onipotência” (FREUD, 1996, p. 144), mesmo quando surge sem propósitos sexuais, ou na mais cega fúria destrutiva.

Na sociedade do século XXI, segundo Sygmunt Bauman, no livro **Tempos líquidos**, o imediato – negação da mediação – é o modo de operar o gozo nos tempos líquidos, com a mesma velha estrutura do imperativo categórico determinante de discurso. Representa um sujeito que, ao invocar o poder de determinar a produção de um meio de gozar, produz o saber ser de si mesmo, como uma nova modalidade de gozo. O gozo aliou-se ao saber e requer estar sempre bem informado, informatizado.

Ainda assim, a preocupação do homem pelo tão esperado orgasmo da mulher dissimula que o que é esperado é “outra coisa”. Apesar de o homem se vangloriar de que o seu pênis vale muito mais do que pesa, vale tanto como toda a sua imagem corporal, dado que dirá: Eu a fiz gozar! A sua relação é suspensa pelo interrogante que lhe impõe o misterioso gozo feminino. Todo o seu corpo como contorno de um oco, até o seu limite, goza.

O mistério envolvendo o gozo feminino é o foco na representação que Affonso Romano de Sant’Anna faz na crônica “Mistérios gozosos”. O cronista apresenta de maneira bem literária atitudes da mulher após o gozo sexual. O autor evidencia como a mulher pode ser encantadora de várias maneiras quando é bem amada, mostrando pistas dos seus segredos. Logo no início da texto a temática surge.

Uma coisa especial ocorre com a mulher depois que ama. Reparem, estou dizendo, depois que ama. Não estou me referindo a ela enquanto está no ato do amor. Disso se pode falar também, e a literatura a partir do romantismo e depois do cinema, modernamente, já tentaram de várias formas simular na relação amorosa como a mulher suspira, se contorce, desliza as mãos e entreabre a boca do corpo e da alma. (SANT’ANNA, 2003, p. 49).

O cronista nos conduz a perceber que o êxtase da mulher se revela de uma forma ímpar no contato com o gozo – que o autor chama de amor. Essa experiência faz com que todo corpo e alma de mulher reflitam alegria. A intensidade é tão grande que nenhuma representação, seja por linguagem verbal, seja por linguagem cinematográfica, consegue representar com exatidão.

Sabemos que, nas últimas décadas, a mulher tem um novo perfil, criou uma outra imagem, ela é uma nova mulher, mas seu referencial interno pouco mudou. Isto levou ao deslocamento da histeria sofrida por ausência de afeto vivida pelas mulheres dos séculos anteriores, desencadeando nestes tempos modernos, ao corpo sarado e siliconado como objeto, para manter o poder de ser desejada e não amada. Keleman, no livro **Amor e Vínculos: uma visão somático-emocional**, conceitua a respeito dizendo:

Quando idealizamos a imagem em lugar da experiência corporal, nos descobrimos vivendo de imagem. Atualmente, grande parte da sociedade se organiza de maneira que se coloca à parte de sua própria natureza. A natureza tornou-se uma fotografia, uma ideia, um símbolo, uma imagem no cérebro – e o mesmo aconteceu com o corpo. Vivemos na imagem do corpo, não no corpo (...). Vivemos em duas esferas: a esfera da experiência direta e a esfera das imagens representativas. (KELEMAN, 1996, p. 10).

Na teoria de Freud (1996), a civilização é fundada na base de uma renúncia à satisfação pulsional, uma constante repressão das pulsões. O desenvolvimento da civilização pode ser compreendido como um processo peculiar experimentado pela humanidade, caracterizado pelas modificações que ele ocasiona nas habituais disposições pulsionais dos seres humanos, resultando numa certa economia da libido, que para Freud constituiria a “tarefa econômica de nossas vidas” (Freud, 1996, p.103). Em geral, como afirma Freud, “a civilização tem de ser defendida contra o indivíduo, e seus regulamentos, instituições e ordens dirigem-se a essa tarefa” (FREUD, 1996, p. 16). A questão fatídica parece residir na possibilidade ou não de conciliar as reivindicações individuais de felicidade e as exigências contidas no processo de desenvolvimento em curso.

Freud inaugura esta diferença quando define o princípio do prazer, o princípio de Nirvana, o desejo e a pulsão. Pois bem, em relação aos diferentes tipos de gozo temos que o da mulher, o da não-toda, vai ser indicado como o Outro gozo.

Assim, fica evidente que por ser parte do Outro gozo, a mulher efetivamente é especial. Isso fica marcado em seu corpo, pois ela não consegue disfarçar o seu contentamento.

Mas, quando digo “depois de amar”, refiro-me ao estado de graça que a envolve após o gozo ou gozos, e que perdura horas e horas e às vezes dias. Fica macia que nem gata aos pés do dono. Mais que gata, uma pantera doce e íntima. Sua alma fica lisinha, sem qualquer ruga. A vida não transcorre mais a contrapelo. Desliza. Ela tem vontade de conversar com as flores, com os pássaros, com o vento. Sobretudo, descobre outro ritmo em sua carne. É tempo do adágio, de calma e fruição. Nesse período, aliás, o tempo pára. Em estado de graça ela se desinteressa do calendário. O cotidiano já não a oprime. (SANT’ANNA, 2003, p. 49).

Nesta passagem, o cronista constrói uma cena lírica da mulher: um misto de selvagem – pantera – com o domado – gata doméstica. Essa junção representa união de corpo e alma na contemplação do prazer que o físico pode oferecer ao psíquico (ou vice-versa). Independentemente dos fatos da realidade, ela simplesmente está leve.

O homem marcado pela castração entra no jogo com a mulher relacionado com o gozo fálico. Para o homem, provido do órgão fálico, o sexo da mulher se apresentará sob a forma de gozo do corpo. O homem não poderá gozar esse corpo como todo, gozará de uma parte dele, abordará a mulher como objeto, a causa do desejo.

Descrever o mito moderno freudiano sobre o assassinato do pai, para se obter em seu lugar o poder gozar de todas as mulheres ou da mulher toda. Um gozo sem limite do pai mítico para quem não havia regra, era absoluto. A repetição desse ato é o começo da organização social, o estabelecimento da Lei, e com isso o lugar do pai permaneceria vazio, desejável, mas nunca mais poderia vir a ser ocupado. Óbvio que o ideal humano tentou erigir uma figura para representar neste campo o semblante do pai. Mas o que ficou assegurado foi a presença do superego substituto dessa instância que garante a ameaça de se repetir o ato parricida e prevaricar no incesto. Foi para consubstanciar o complexo de Édipo dentro da universalidade do ser falante, que Freud trouxe o mito que o opera pela castração simbólica.

Outro é significado como desejo, o falo simbólico operador da castração. Se a lei do nome do pai substitui o caprichoso gozo sem lei do desejo da mãe, ordenando-o, teremos o êxito do

significante fálico ao extrair o gozo do sexual do falo à fala.

Seremos sempre Sujeitos e Objetos em mutação constante. A separatividade do gênero e a falta de respeito pelo que é singular levaram-nos a uma era de individualidade, O Outro – lembrando que também somos o outro, dos outros – é o objetivo fenomênico que estamos tentando compreender. Mas antes do objetivo de repensar o perfil da mulher do século XXI e de sua sexualidade enquanto Sujeito do seu desejo e não Objeto do desejo masculino – é importante dizermos que estamos obcecados pelo poder da beleza, que perpetua um lugar de mulheres e homens presos pelos desejos, sem conhecer o “amor”.

O simbólico em torno do amor gera uma idealização de que o desejo só se concretizará na presença de sentimentos emotivos. Por isso que

O homem, animal desatento, às vezes não se dá conta. Em geral, nunca se dá conta. Ou dá-se conta nos primeiros minutos após o ato de amor, e depois se deixa levar pela trivialidade, deixando-a solitária em sua felicidade clandestina. (SANT'ANNA, 2003, p. 50).

A mulher ultrapassa o corpo para atingir o clímax, o homem é mais concreto, então, não consegue perceber a diferença entre amar primeiro para realizar o desejo depois, e simplesmente desfrutar os prazeres carnis, sem envolvimento emotivo.

Isto nos confronta com a impossibilidade de dizer a relação sexual entre “O” homem e “A” mulher. “A” como conjunto está apagado. Esta impossibilidade de escrevê-la, o que “não para de não se escrever”, nos remete ao mais puro real, esse real que é impossível de ser plenamente simbolizado, lugar dessa “coisa” que escapa ao discurso.

É a união entre ausência e presença fálica o propulsor de experiência única reservada para as mulheres:

É quando a mulher descerra em si o que tem de visceralmente fêmea, fêmea tranquila que, mais que possuída, possui algo que atingiu raramente. As outras mulheres percebem isso e a invejam. Os machos farejam e se perturbam. É como se estivessem num patamar seguro a se contemplar. É quase parecido a quando a mulher vive a maternidade. Mas aqui é ainda diferente, porque na maternidade existe algo concreto se movimentando dentro dela. Contudo, nessa atmosfera que se segue a uma epifânica sessão

de amor, é diverso, porque ela está acariciando uma imponderável felicidade. (SANT'ANNA, 2003, p. 50).

O fragmento anterior adjetiva o gozo feminino como epifânico. A emotividade do cronista se revela e deixa claro que o corpo da mulher lhe proporciona um acontecimento sagrado. Mesmo que ela tente esconder, seus gestos, seu olhar, a aura que a envolve a denunciam. Uma mulher bem amada é percebida, admirada, desejada e invejada.

Em Freud, encontramos que na constituição da feminilidade, a mulher deve resignar sua zona reitora, o clitóris, por outra nova, a vagina e que a partir da conformação do órgão sexual feminino há um incremento do narcisismo. Este incremento do narcisismo faz que se apresente aparentemente como “toda” desde o insuportável de ser não-toda; identificando-se com um vazio emerge um corpo que mascara o ser não-toda. Terá, já que é não-toda, um gozo suplementar “além do falo”, esse Outro gozo que é o feminino. A mulher tem a possibilidade de um duplo gozo, o fálico e o Outro, do qual tem a experiência e nada pode dizer.

Na passagem a seguir, o cronista nos aponta a marcante característica masculina para atingir o gozo.

Estou falando de uma coisa que os homens não experimentam assim. O gozo masculino é mais pontual e parece se exaurir pouco depois do próprio ato. Só os escolhidos, os de alma feminina, vez por outra, o sentem prolongar-se dentro de si. Mas, em geral, é diferente. Terminado o ato, uns até rolam para o lado e dormem como se tivessem tirado um fardo do ombro, outros acendem o cigarro, vestem suas ansiedades e voltam ao trabalho. (SANT'ANNA, 2003, p. 51).

O homem se limita ao físico e este limite lhe é dado pelo prazer. O circuito do desejo para o prazer é muito curto e é por isso que o sujeito é empurrado a repetir, na busca do retorno a um estado inicial de inércia, o mais além do princípio do prazer. O princípio de realidade ou de desprazer não sujeita por completo o empuxo ao prazer.

Dois componentes fazem parte do desejo sexual: o fator agressivo que gera energia propulsora para o movimento e o fator ligado aos sentimentos. Temos que acolher a nossa energia e a dos outros. Estes componentes propiciam o desejo de contato que estão ligados ao fluxo erótico e terno do impulso de possuir, de fundirmo-nos com o parceiro, dos sentimentos agressivos.

A dualidade é parceira da evolução, nela a personalidade está dividida. E é na sua integração que precisamos investir para conquistar nossa proximidade com a alma. A ternura está associada à criança interior, enquanto que o impulso agressivo está ligado ao ego do adulto. Na unidade, ambos servem ao mesmo propósito, a ternura aumenta a excitação e o impulso agressivo procura descarregá-la, isto leva ao amor.

Ainda em relação ao falo, a mulher o é sem tê-lo e o homem o tem sem sê-lo. Do lado do homem por fazer parte do conjunto, eles aparecem como equivalentes. Talvez por isto elas dizem “todos os homens são iguais”. A mulher poderia se relacionar a um com certa permanência, pois este pode ser representante do Pai simbólico. O homem tomará a mulher uma a uma, uma de cada vez e como “uma-em-menos” já que do lado da mulher, por não haver universal, ela aparece de forma contingente.

Sobre o ter ou não um falo, Sant’Anna faz uma abordagem interessante sobre os estudos freudianos.

Freud andou várias vezes errando sobre as mulheres e, por exemplo, colocou equivocadamente aquela questão de que a mulher teria inveja do homem por ser este um animal fálico etc. Convenhamos: inveja têm (e deveriam ter) os homens quando prestam atenção no fenômeno que ocorre com as mulheres, que ao serem amadas atingem o luminoso êxtase de si mesmas, como se tivessem rompido uma escala de medição trivial para lá da barreira dos gemidos e amorosos alaridos. (SANT’ANNA, 2003, p. 51).

O segmento explicita um posicionamento bem particular diante dos estudos do psicanalista. De fato, se é o homem o possuidor do falo, deveria ele atingir o gozo de modo mais repleto. Porém, se é a mulher que consegue realizá-lo, de acordo com a crônica, cabe ao gozo masculino almejar o amor que ela demonstra atingir.

Por apego a essa função imaginária não se alcança o simbólico e nesta ausência observamos que o gozo tem uma memória, não nas marcas e sim em sua falta, e por aí pensa, calcula e julga ao criar no vazio da castração a instância do inconsciente. O alicerce da repetição, por onde circula a pulsão e o gozo, dá o semblante no fenômeno da transferência.

Um caráter masoquista – que tem sua imagem estimulada pelo sofrimento, tem-se afirmado em boa parte das mulheres, adolescentes ou maduras, através de corpos adoecidos,

baseando-se no conceito de que se não ofereço a este homem a imagem certa, não me resta mais nada que ficar só, e sofrer de solidão ou ficar com quem não amo. Assim, nossas escolhas tornam-se deslocadas e distorcidas, porque a defesa do caráter, neste caso, está no narcisismo da entrega. Essa postura também torna-se evidente na passagem da crônica

É isso: quando a mulher foi amada e bem amada, ela ingressa nessa atmosfera sagrada, cuja descrição se aproxima daquilo que as santas estáticas descreveram. Uma aura de mistério as envolve. E isso, por não ser muito trivial, por não ser nada profano, talvez se assemelhe aos mistérios gozosos de que muitos místicos falaram. (SANT'ANNA, 2003, p. 51).

A partir desse fragmento podemos fazer considerações importantes sobre o epifânico gozo feminino: o primeiro pode ser homens e mulheres olhando para si mesmos, para seus sentimentos de rigidez, comportamentos obsoletos, refletindo sobre as emoções que causam tanta dor e encorajamento, em nome de uma sobrevivência mais amorosa e saudável; o segundo pode ser o toque afetivo.

Em termos de considerações finais, podemos afirmar que a crônica suscita discussão de tema caro para as relações amorosas e sexuais de todos os tempos. A evidente independência da mulher mudou alguns parâmetros de comportamento, porém ainda há muito o que ser discutido e analisado no que se refere ao tema. De Freud a outras teorias psicanalíticas muito ainda temos de misterioso com relação ao gozo.

## ENJOYMENT, REVEALING ITS MYSTERIES: AN ANALYSIS OF THE SHORT STORY "MISTÉRIOS GOZOSOS"

### ABSTRACT

Since we believe that the development of a healthy sexuality needs to be in the center of the human evolution, the analysis of the biopsychosocial basis is extremely important to understand the individual and collective process in the current scene, which we are part of. There is a body that translates our emotions and tells our genetically inherited and socially acquired story. The body expression is the somatic perspective of the

emotional expression. We call attention to the discussion about gender and human sexuality, because we are imposing the roles to both, anxious to offer power and autonomy to the female fragility and fragility to the male strength. This imposition is real, although at an unconscious level it emerges using profiles and images of the gender evolutionary process. Both men and women try to find someone or something that fills this distortion. Therefore, by trying to point out the representation of the pleasure theme, we offer an analysis of the short story "Mistérios gozosos", by Affonso Romano de Sant'Anna, enlightened by aspects of Freud's Theory of Sexuality.

Keywords: Sexuality. Freud. Gender. Short story.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 7) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. (1977). Conferência 20. **A vida sexual dos seres humanos** [Das menschliche Sexuelleben]. In FREUD, S. Obras completas (Vol. 16, p. 355-373). Rio de Janeiro: Imago. *Stud.* (Bd. 1, S. 300-314). Frankfurt am Mein: Fischer Verlag. (1982). (Texto de 1916-1917, original publicado em 1917a)

KELEMAN, S. **Amor e Vínculos: uma visão somático-emocional**. São Paulo: Summus, 1996.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Melhores crônicas**. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em: 25/06/2015

Aceito em: 04/07/2016